

Nome do Corpo Hídrico: Rio Faria



Fonte: Google Earth com base em dados MultiRio



Fonte: Google Earth com base em dados MultiRio

Região Hidrográfica (RH): Inserido na RH Baía de Guanabara e dos Sistemas Lagunares de Maricá e Jacarepaguá; RH V do estado, que é a área de atuação do Comitê de Bacias Hidrográfica Baía de Guanabara e de seu Subcomitê Trecho Oeste.

Macrorregião de Drenagem: Baía de Guanabara.

Sub bacia: Canal do Cunha

Localização da nascente: Água Santa

Localização da foz: Rio Faria Timbó

Comprimento: 8.0 Km

Origem do nome:

Contexto e/ou História:

Nasce na Serra dos Pretos Forros, em Água Santa, onde já tem suas margens ocupadas pela favela da Fazendinha, tornando-o poluído. Se funde com o Rio Timbó, formando o Rio Faria-Timbó.

Os formadores do Rio Farias, se encontram na Serra dos Pretos Forros, um dos setores do Maciço da Tijuca, com cotas que atingem os 400 m. Estas aéreas protegidas pelo Parque Nacional da Tijuca contam com florestas secundárias em bom estado e mantém uma rede complexa de canais, apresentando um forte controle estrutural que condiciona uma alta densidade de drenagem com padrão variável entre dendrítico e treliça. No entanto, a rede de drenagem não preserva qualquer traço das condições naturais no médio e baixo curso passando a correr em canais retificados completamente urbanizados¹.

A bacia é de 3ª ordem, caracterizando-se como uma microbacia e possui formato arredondado com sua área inteiramente abrigada pelo município do Rio de Janeiro. É limitada ao norte pela Serra da Misericórdia; ao Sul pelo Maciço da Tijuca; a leste, principalmente, pelo divisor da Bacia do Canal do Mangue e a oeste com as bacias dos Rios São João do Meriti e Irajá.

Até 1961 o Rio Faria deságua no Rio Jacaré e, assim, o curso d'água percorria até o Canal do Cunha, entretanto foi executada a ligação do Canal do Faria com o Rio Faria, dessa forma, foi constituído o Rio Faria-Timbó².

Em 1965 o Rio Faria passou por vários trechos por intervenções ao longo de seu curso com canalização a céu aberto e até mesmo cobertas, com o intuito de controle de enchentes. Porém em 1966 ocorreu uma grande enchente, que impactou muito a cidade, principalmente pelas dezenas de mortes, estragos em benfeitorias urbanas, moradias, entre outros efeitos negativos, além de evidenciar que as enchentes não se combatiam com canalizações de rios.

De acordo com o Estado da Guanabara (1970), no biênio 1969 e 1970 foram concluídas as obras

¹ file:///C:/Users/nelso/Downloads/26060-Texto%20do%20artigo-109136-1-10-20130816.pdf

² https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/download/6242/3851

previstas na Sub-Bacia do Canal do Cunha. Neste período os rios tiveram seus leitos concretados, tornando-se impermeável. O Rio Faria foi um dos primeiros a ter essa obra realizada na sub-bacia. Estas obras foram financiadas pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (criado em 1959). Ressalta-se que até a década de 1970, a SURSAN e os demais órgãos atuantes realizaram as obras em trechos dos rios da sub-bacia, e não em toda extensão dos rios.

Fontes Bibliográficas

CAMARGO, Aspásia e SANTA ROSA, Márcio. A Epopeia do Saneamento: da revolução sanitária às tecnologias do futuro. 1 ed. - Rio de Janeiro: Letras Capital, 2022.

CARVALHO, Juliana de [et al.]. O Rio que é Azul. Rio de Janeiro, Bang Filmes & Produções, 2014.

RIO DE JANEIRO. Rios de Janeiro: Um manual dos rios, canais e corpos hídricos da cidade do Rio de Janeiro. Fundação Rio-Águas, 1ª Edição, Rio de Janeiro, 2020.